

DEIXA EU FALAR: projeto de leitura e escrita com crianças

Joana D'arc Rocha Vasconcelos¹

Selma Costa Pena²

Eixo temático 8: Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Trata-se de um relato de experiência desenvolvido a partir de uma atividade de produção textual com crianças do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Limoeiro do Ajuru, no Estado do Pará. Teve como objetivo potencializar a capacidade de produção escrita dos alunos por meio de atividades com diferentes gêneros textuais a partir da didática da língua escrita composta por cinco espaços discursivos propostos por Andrade (2018). Ao final, as produções resultaram na elaboração de um caderno-livro em que cada criança explicitou por escrito suas apreensões acerca das diferentes leituras feitas sobre diversificadas temáticas. O trabalho desenvolvido foi relevante, pois os alunos puderam se expressar por escrito de forma autônoma e sem medo e a escrita ganhou novo sentido quando trabalhada em todas as áreas do currículo que não só no componente de Língua portuguesa.

Palavras-chaves: Relato de experiência; Oralidade; Leitura; Linguagem escrita.

Introdução

Este texto traz a experiência de uma professora do interior do Estado do Pará, da cidade Limoeiro do Ajuru, localizada a aproximadamente a duas horas e meia da cidade de Belém, capital do Estado, que exerce a docência a 29 anos.

Durante muitos anos de docência percebi que o trabalho com a linguagem escrita em minha turma não estava sendo desenvolvido a contento: as crianças iniciavam o ano letivo falando

¹ Mestranda em Educação pela Ufpa. Professora da Educação Básica do Estado do Pará. Contato: selmacpena@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal do Pará. Contato: selmacpena@ufpa.br

pouco, não demonstravam interesse pela leitura e menos ainda pela escrita. Havia certo desconforto das crianças nas aulas que sofriam sem poder expressar seus pensamentos, falar de suas vivências, de suas dificuldades. Além disso, quando falavam dos textos que liam na escola se reportavam sempre aos escolhidos pelos professores, nunca lhes era perguntado o que gostariam de ler ou ainda o que conheciam sobre determinado assunto.

Além desses fatores, as crianças não se identificavam com os textos, porque esses não faziam parte de sua realidade; as palavras eram desconhecidas e sem significado para elas. Sendo assim, davam pouca importância ao que lhes era apresentado nos livros didáticos. Enfim, as crianças pareciam sempre alheias a tudo. Isso me incomodava muito porque não se sentiam participantes do processo de ensino e de aprendizagem, não mostravam interesse algum pelas atividades de sala de aula.

Em contraponto, sendo a escola um espaço de aprendizado, de troca de experiências e conhecimentos compartilhados, deveria considerar que, ao chegar na escola, cada criança traz consigo sua experiência particular de aproximação com a linguagem escrita e que o papel da escola é o de, conhecer e legitimar essa experiência para enfim, ampliá-la para que a criança tenha autonomia em suas atividades com a linguagem escrita. Por isso, diante desse quadro desmotivante resolvi reorganizar meu trabalho pedagógico em sala de aula, procurando envolver as crianças na construção de atividades individuais e coletivas, respeitando os percursos singulares que cada uma delas apresentavam.

Percebi que era preciso envolver as crianças nas atividades, considerar seus conhecimentos de mundo sobre os assuntos a serem discutidos em sala, em quaisquer que fosse a área de conhecimento e, com isso, trabalhar com leitura e escrita em todos os componentes curriculares. Isso fez com que saíssemos do trabalho mecânico com a escrita e a leitura nos livros didáticos e passássemos para um trabalho mais criativo, significativo e prazeroso para mim e para as crianças.

O trabalho relatado aqui tem, portanto, o objetivo de descrever e discutir essa experiência de trabalho que culminou na feitura de um caderno, chamado por algumas crianças do livro, cuja denominação é “Deixa eu falar”, suporte que contém todas as produções escritas pelas crianças.

PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS NA ESCOLA: A LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL - Relato docente

O relato que segue, toma como referência a formulação de uma didática desenvolvida por cinco espaços discursivos, indicado por Andrade (2018), em que se considera: A voz do aluno, a escrita espontânea, a negociação de sentidos, a refacção de textos e a publicação.

1- A VOZ DO ALUNO

Nas muitas idas à pequena biblioteca da escola, uma das crianças pegou um livro intitulado “Deixa Eu Falar”; ela leu o livro e me provocou: “ professora, a senhora poderia deixar a gente falar, escrevendo o que a gente pensa”. A voz daquela criança era quase um pedido de socorro e junto a esse pedido, as crianças iniciaram uma série de sugestões sobre como isso poderia ser feito em sala. Pela voz das crianças, eu estava deixando entrar na escola a sua “[...] experiência extraescolar e a sua experiência escolar”. Cada criança expunha suas inúmeras ideias, expunha “[...] suas compreensões ou interpretações individuais, e ambas são consideradas na continuidade e no desenvolvimento dos processos [...]” (ANDRADE, 2018, p.2)

Desde o início das atividades, o projeto teve adesão dos responsáveis pelas crianças e da gestão da escola. Acordamos que todas as crianças teriam cadernos especialmente para esta atividade e que teríamos também uma rotina diária de leitura e escrita em sala de aula, o que era muito interessante para se repensar essas duas modalidades da linguagem trabalhadas em processos contínuos.

2- A ESCRITA ESPONTÂNEA

As crianças iniciaram então suas escritas espontâneas, espaço discursivo em que “Ensina-se, com essa priorização, que a prática da escrita deve passar por um momento de criação, de querer dizer, que deve ser espontâneo: diante da folha em branco, cada um encontrará os próprios percursos singulares” (ANDRADE, 2018, p.3) Lembro do entusiasmo, dos olhinhos brilhando com cada coisa que escreviam, começaram a se sentir autores; expunham no papel suas ideias, seus sentimentos de alegria, frustração, angústia, medo, vergonha entre outros.

Quando perguntei sobre o que gostariam de escrever, eles responderam que queriam escrever do seu jeito de ser, de educação. Outros falaram que queriam escrever sobre saúde, mídia, meio ambiente, violência, comunidade, família, brincadeiras ou seja, queriam escrever sobre coisas que tinham relações diretas com suas vidas na comunidade. Outros temas surgiam no decorrer das aulas. Sugeri que comessem a escrever se tinham gostado da tarefa e por quê e foi então que vieram as surpresas. Foram escritas que eu não imaginava,

que seriam importantes, que muitas vezes nem me importava, mas aprendia naquela experiência, que o que para mim não tinha significado, para as crianças significava muito. Elas colocavam no papel suas formas de pensar, seus conhecimentos de mundo acerca de diferentes temas, como se pode ver abaixo:

Imagem 01: a capa dos livros



Fonte: Professora Joana Darc – Nov/ 2019

3- A NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS

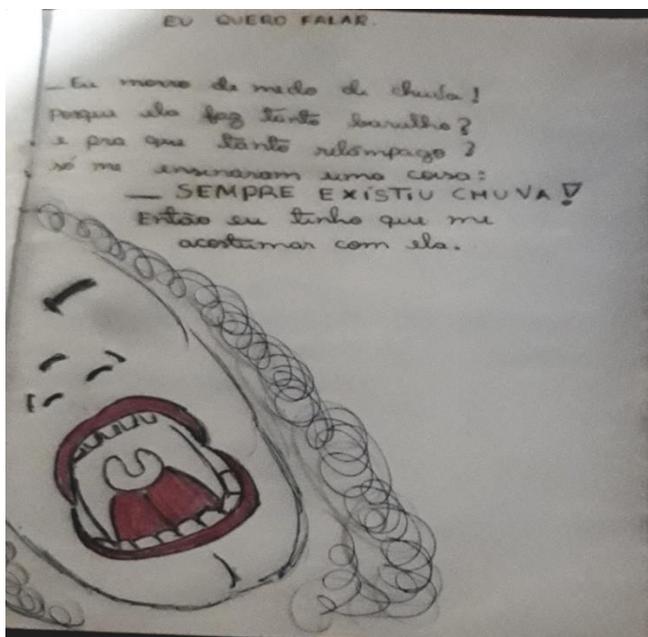
Nesta etapa

A voz dos alunos é novamente assumida como importante, porém focalizada sobre textos produzidos na etapa anterior, mobilizando-se saberes linguísticos espontâneos, expressos nos textos iniciais, que qualquer falante possui e pode utilizar para falar de suas produções linguísticas (ANDRADE, 2018, p.3).

Foi a partir da escrita espontânea desenvolvida na etapa anterior que combinamos na turma que toda semana, faríamos uma produção textual sobre os assuntos escolhidos por eles, mas que outros assuntos poderiam ser incorporados de acordo com as necessidades surgidas e que nossa meta era a escrita de um livro, em que cada criança seria autora do seu. Naquele momento, começamos a ler outros livros, aprendendo todas as partes que o compunham, exploramos a capa, autor, título, ilustração, edição, data de publicação e outros. Depois fomos para a parte interna do livro: sumário, apresentação, capítulos etc.

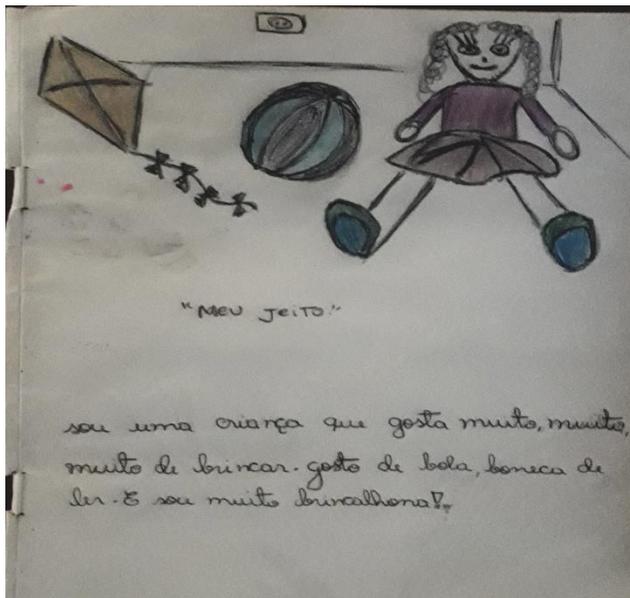
As figuras que seguem (2, 3, 4) trazem algumas escritas das crianças: falam de seus medos, de seus gostos, preferências, mostram suas habilidades para desenhar e apresentam suas percepções acerca do meio ambiente, em que uma criança ribeirinha enfatiza o rio, a canoa, o remo, as árvores de açaí. Além disso, fala sobre a questão da poluição dos rios, os prejuízos causados, etc. Sendo assim, a criança aproveitou a oportunidade também para denunciar, falou do que gosta, mas também mostrou a importância do meio ambiente saudável, sem poluição, sem lixo etc.

Figura 02: texto sobre o medo da chuva



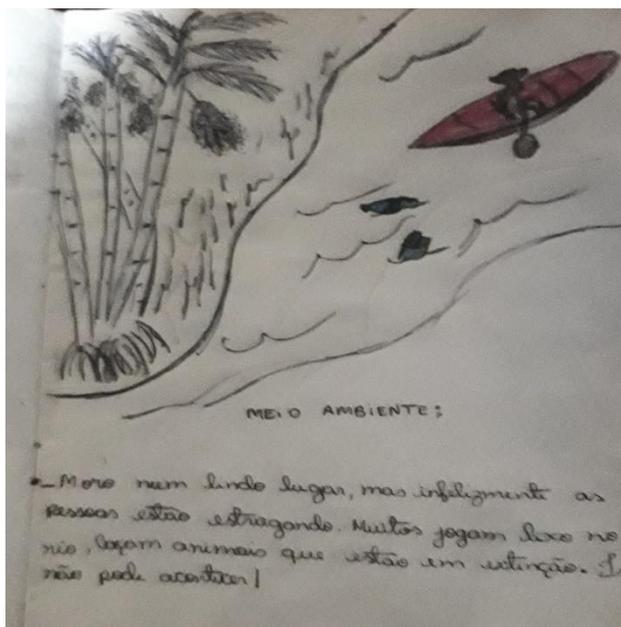
Fonte Professora Joana Nov/2019

Figura 03: texto sobre o modo de ser da criança



Fonte: professora Joana Darc Nov/2019

Figura 04: texto sobre o meio ambiente



Fonte: professora Joana Darc Nov/2019

É evidente que alunos do 5º ano não estão aptos para escrever um livro com todas as exigências de um autor mais experiente, porém aquela atividade lhes desafiava e até mesmo as crianças que tinham dificuldades na apropriação do sistema de escrita alfabética, se apressavam para compreender seu funcionamento e poder fazer parte daquela escritura combinada na turma. Essa tarefa passou a fazer parte da vida daquelas crianças.

4- A REFAÇÃO DOS TEXTOS

É importante ressaltar que as crianças fizeram questão de escrever, e cada palavra que botavam no papel tinham a preocupação de revisar, afinal a produção seria publicizada. Fizeram uso do dicionário, faziam as revisões necessárias porque “Rever o texto depois da etapa precedente enseja a construção da postura de escritor, já começada” (ANDRADE, 2015, p 3) e as crianças já tinham compreendido que precisavam divulgar essa experiência de forma a aproximar suas escritas dos aspectos mais formais da língua.

5- PUBLICAÇÃO

Era nossa intenção divulgar em noite de autógrafos, as produções das crianças. Marcamos tudo para dezembro de 2019, contudo algumas crianças não conseguiram concluir seus textos e adiamos essa socialização para julho de 2020, período de impedimento porque fomos acometidos pela pandemia da Covid-19. Passamos pelo ensino remoto e, ao retornar ao ensino presencial, as crianças já estavam distribuídas em outras séries e turmas.

Reiniciamos essa mesma atividade com outras turmas e estamos elaborando a socialização com a comunidade ainda para o ano de 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram muitos os aprendizados com essa atividade e nessas considerações finais gostaria de destacar alguns deles.

Soares (2003, p 23) afirma que “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. Relacionando esse postulado com a fala de uma criança, que disse que gostou de escrever, porque teve a oportunidade de expressar seus sentimentos e se fazer conhecer por meio de sua escrita, percebo que atuei diretamente sobre uma atividade de letramento e de alfabetização porque as crianças puderam exercitar os usos sociais da leitura e da escrita, lendo e escrevendo dentro de um contexto que fez sentido, para a vida da criança e ao mesmo tempo foram se aproximando cada vez mais do sistema alfabético de escrita, consolidando essa aprendizagem.

Outro ponto muito importante na proposição dessa atividade foi poder exercitar a escuta sensível com cada criança. Isso foi materializado desde o início quando a foi acatada

a construção do livro a partir de temáticas relacionadas {a vida das crianças, passando pelas diversas negociações de sentidos que fomos construindo no decorrer das atividades.

Ouvir essas crianças foi muito importante; elas estavam com esse registro em suas memórias e precisavam falar e é nesse momento que o docente tem papel imprescindível, quando deixa a criança falar, se expressar, dizer o que sente, pois ela vem de casa cheia de registros importantes na memória e quer compartilhar. Isso faz com que a criança saia de um ensino repetitivo, prescritivo, monológico e passe por experiências de diálogo em sala de aula, em seu conhecimento de mundo seja legitimado.

Outra aprendizagem dessa atividade foi a compreensão de que a escola precisa considerar o processo histórico-cultural das crianças, afinal elas chegam às escolas trazendo uma linguagem que é própria do seu território, do meio em que vivem, com diferentes manifestações de falas e de escritas e que na maioria das vezes isso é desconsiderado, ainda que saibamos que o conhecimento de mundo da criança precisa ser problematizados e a ele serem acrescentadas outras interfaces, permeadas pelo conhecimento científico

Por fim, com essa experiência aprendemos que as crianças do 5º ano, precisavam dessa oportunidade para se expressar por escrito e que para elas, a atividade foi muito bem aceita. Sobre isso, elas assim se manifestam:

Eu gostei de escrever porque falei sobre os meus sentimentos, do que gosto e do que não gosto e da minha família. Estou escrevendo porque eu desejo que outras pessoas leiam e entendam os meus sentimentos. (C 1)³

Eu gostei de escrever este livro, principalmente porque eu posso incentivar outras pessoas a ler e escrever, em qualquer idade, achei importante, porque parece que as pessoas estão dando tchau para a leitura. Eu gostei de escrever porque eu coloco em jogo todas as minhas opiniões, eu gostei de escrever, porque nós descobrimos em nós mesmos que nós temos sim, dúvidas e certezas, bondade e maldade, porque quando a gente escreve a gente conversa, eu me divirto muito, ensino e aprendo... (C2)

Quanto a mim, como professora alfabetizadora, essa foi uma experiência magnífica, rica e gratificante, principalmente quando me deparei com as produções escritas das crianças transformadas em pequenos livros. Naquele instante muitos sentimentos, recordações me vieram à mente e o sentimento era e ainda é de orgulho daquelas crianças, que com seus 10 anos, já sabiam que queriam ter a oportunidade de falar, expressar seus pensamentos

³ Para resguardar a identidade das crianças, utilizei a letra C, para indicar Criança 1, 2

Referências

ANDRADE, Ludmila. Espaços discursivos entre professores e alunos: por uma alfabetização dialógica. **Revista Communitas**: Múltiplos discursos, práticas e políticas na/da educação, v. 2, n. 3, 2018

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização**: as muitas facetas*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006 – (Coleção Primeiros Passos)